



página 1381

**A Chegada dos Aviadores**  
*(Avião Sobrevoando a Matriz)*  
Domingos Rebelo  
Aquarela (pormenor)  
Museu Carlos Machado

# “A CHEGADA DOS AVIA- DORES”

## CRÓNICA VISUAL POR DOMINGOS REBELO

---

**Um conjunto de seis aguarelas intituladas genericamente “A Chegada dos Aviadores” foi executado por Domingos Rebelo cerca de 1926 para celebrar o *raid* aéreo realizado nesse mesmo ano entre Lisboa, Funchal e Ponta Delgada. Nessa meia dúzia de desenhos aguarelados que se conservam, desde 1982, no espólio do Museu Carlos Machado, o pintor dedica apenas uma imagem à aeronave sobrevoando o céu à vista da torre da matriz daquela cidade. As restantes cinco enquadram grupos humanos que em evidente agitação e gesticulação assistem, em terra, ao festejado acontecimento, reforçando com essa atitude o inusitado movimento observado nos céus<sup>1</sup>.**

\* Professora Auxiliar da Universidade dos Açores/CHAM (Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores).

<sup>1</sup> Os desenhos que são objeto deste artigo, incorporados no espólio do Museu Carlos Machado desde 1982, estiveram patentes ao público em diversas exposições: *Exposição em Homenagem ao Comandante Neves Pereira*, Ponta Delgada, Museu Carlos Machado, 12 de maio a 14 de maio de 1983; *Domingos Rebelo: Centenário da Escola Secundária Domingos Rebelo*, 1991 (Cat. s/n); *Centenário do Nascimento de Domingos*



**DOMINGOS REBELO (1891-1975)**, *O Governador do Distrito*, aguarela e tinta da China sobre papel, s./d. [ca. 1926], A 32 x L 49,5 cm. MCM6222. O pequeno cortejo formado pelo Governador do Distrito, Jaime Hintze, e pelos dois guardas que o acompanham prossegue em passo solene em direção ao cais, o local previsto para o desembarque dos dois aviadores após a tão aguardada amargem, enquanto um grupo de populares mantém-se, em segundo plano, reverentemente de pé à passagem das autoridades.

A realização da viagem aérea entre o continente português e as suas Ilhas Adjacentes, como então se chamavam à Madeira e aos Açores, inscreve-se no ciclo da “aviação heroica”<sup>2</sup> da Marinha Portuguesa, inaugurada em 1920 com um voo de ensaio à Madeira e que culminaria na travessia do Atlântico Sul, em 1922, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Desde então, os sonhos acalentados por este último oficial da Marinha Portuguesa quanto à realização de uma viagem aérea de circum-navegação que repetisse, pelo ar, o feito do navegador português Fernão de Magalhães de há 400 anos, terminariam ingloriamente por falta dos necessários apoios técnicos e materiais, vindo o próprio Sacadura Cabral a

*Rebelo (1891-1975)*, Ponta Delgada, Museu Carlos Machado, 3 de dezembro de 1991 a 15 de março de 1992 (Cat. n.º 102); *A Window on the Azores – Uma Janela Sobre o Atlântico*, Hamilton Bermuda National Gallery e New Bedford (Mass.), New Bedford Art Museum e New Bedford Whaling Museum, 10 de outubro de 1999 a 19 de fevereiro de 2000 e 29 de junho a 3 de setembro de 2000 (Cat. n.º VI); *O Museu Carlos Machado: Um Olhar sobre as Reservas*, Ponta Delgada, Centro Municipal de Cultura, 8 a 15 de dezembro de 2001 (Cat. s/n); *A República e a Modernidade: Revelar, Renovar, Regressar*. Ponta Delgada, Museu Carlos Machado, 6 de novembro de 2010 a 28 de fevereiro de 2011 (Cat. n.ºs 34 a 39).

<sup>2</sup> Yann Loïc Araújo, “A Madeira como Objectivo Estratégico. O último raid aéreo da aviação naval e a era pós-cabralina no controlo do espaço aéreo nacional”, in *A Aviação na Madeira*, Coord. Nuno Esteves da Silva, Força Aérea Portuguesa, 2010, p. 28.





**DOMINGOS REBELO (1891-1975)**, *O Público*, aguarela e tinta da China sobre papel, s./d. [ca. 1926], A 32 x L 50 cm. MCM6223.

Na calçada da rua, muitos pés descalços e alguns calçados mantêm-se contidos atrás de uma corrente de ferro, em evidente agitação. Do grupo de populares destaca-se uma mulher de capote, cuja cor escura, em mancha uniforme, do vestuário, contrasta com os tons claros e o emaranhado de linhas de contorno que definem os rostos e os gestos dos restantes.

desaparecer prematuramente nos mares do Norte, a 15 de novembro de 1924. O aparelho que pilotava então na viagem entre Amesterdão e Lisboa – um *Fokker 4146* – era um dos cinco que haviam sido adquiridos por subscrição pública para uma projetada viagem à Índia que não chegaria a realizar<sup>3</sup>.

É pois neste contexto heroico, marcado pela mística cabralina, que se inscreve a viagem preparada pelos Serviços da Aeronáutica Naval, então dirigidos pelo Capitão de Mar-e-Guerra Aires de Sousa<sup>4</sup>. Ao comando da aeronave *Fokker T. III*<sup>5</sup>, que receberia o significativo nome de *Infante de Sagres*, estavam dois jovens Segundos-Tenentes da aviação naval: João Moreira

de Campos e José Neves Ferreira, este último um filho da terra, natural de Ponta Delgada e ambos formados pelo Centro de Aviação Naval do Bom Sucesso. A travessia que estava proje-

<sup>3</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Artur\\_de\\_Sacadura\\_Freire\\_Cabral](https://pt.wikipedia.org/wiki/Artur_de_Sacadura_Freire_Cabral). Consultado em 20-8-2015.

<sup>4</sup> Mário Mota Correia, "O Voo à Madeira e aos Açores em 1926 ou os Pioneiros Esquecidos. De Lisboa ao Funchal", in *Aviação na Madeira*, coord. Nuno Esteves da Silva, s.l., By the Book, 2010, p. 1.

<sup>5</sup> O hidroavião monomotor *Fokker T. III* equipado com um motor Rolls-Royce Eagle IX era um dos cinco aparelhos adquiridos por subscrição pública destinado às grandes viagens aéreas projetadas por Artur Sacadura Cabral.



**DOMINGOS REBELO (1891-1975),** *Sociedade Elegante*, aguarela e tinta da China sobre papel, s./d. [ ca. 1926], A 32 x L 50 cm. MCM6224. A receção protagonizada pela elite, no olhar arguto do pintor, distingue-se pela forma individualizada e descritiva como cada personagem é representada, numa cuidada atenção prestada à indumentária e adereços que são ostentados pelas três senhoras, ocupadas a tagarelar entre si, os dois homens absortos a vigiar os céus e uma bem comportada menina segurando numa das mãos uma cesta de flores.

tada para quatro dias, com partida a 20 de abril diretamente para o Funchal, viagem no dia seguinte da Madeira para Ponta Delgada, seguida de passagem por Angra e Horta e regresso a Lisboa, via Ponta Delgada ou Funchal, demoraria, afinal, mais de quinze dias a completar e os voos para Angra e Horta acabariam por ser cancelados. Crescia a ansiedade à medida que se somavam as peripécias da aventura aérea, com amargens forçadas, rebocagens para terra, falta de combustível, mau tempo e avarias inesperadas.

A imprensa local e nacional ia noticiando os avanços e as contrariedades verificadas no decurso da viagem, deixando o

público em fremente expectativa, preso em suspenso pelo desfecho de cada nova etapa do percurso. Para os açorianos era a primeira vez que seria realizada uma ligação aérea ao continente feita por portugueses, o que motivou acessos entusiásticos por parte da imprensa local, designadamente no artigo publicado pelo diário *Açoriano Oriental* no dia 24 de abril, no qual se sublinhava o facto de ser “um filho desta terra que se conta entre os heroicos aviadores que se arrojaram à travessia do Atlântico, guiando à sua terra o *Infante de Sagres!*”<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> *Açoriano Oriental*, 24 de abril de 1926, n.º 4.730.



**DOMINGOS REBELO (1891-1975)**, *O Corpo de Bombeiros*, aguarela e tinta da China sobre papel, s./d. [ ca. 1926], A 32 x L 50 cm. MCM6225. O corpo monolítico formado por vários membros da corporação dos bombeiros mantém-se firme de olhos postos no céu e nas mãos sustentando uma gigantesca âncora, símbolo da Esperança, cuja presença alude ao estado geral de expectativa esperançosa que dominava o acontecimento.

A expectativa gerada em torno da “Chegada dos Aviadores”, tão argutamente captada pelo lápis e pincel de Domingos Rebelo na série que dedicou ao tema, tem, assim, o significado de uma autêntica crônica visual, indissociável do ambiente vivido com o acontecimento a que está associado. A ansiada amargem na baía de Ponta Delgada, prevista inicialmente para o dia 21 de abril, aconteceu finalmente às 6h da tarde do dia 10 de maio, depois de uma viagem de 25 minutos que o *Infante de Sagres* levava desde Vila Franca do Campo para onde tinha sido conduzido no dia anterior a partir de Santa Maria.

O modo como o pintor “relata” o tão festejado acontecimento merece alguns comentários, tanto do ponto de vista semân-

tico como no plano formal e estético. Atente-se desde logo ao título da série: *A Chegada dos Aviadores*. São eles os heróis, os protagonistas desta aventura aero-marítima que simbolicamente reescreve a história da descoberta das ilhas pelo Infante D. Henrique, trazendo agora o *Infante de Sagres* de volta à terra açoriana, guiado pela mão de um micalense e unindo assim, pelos laços entretecidos da história, a Mãe Pátria à sua filha dileta. Repare-se ainda, como o destaque conferido pelo artista não se centra no sucesso técnico da proeza, nos avanços da tecnologia ou nos detalhes mecânicos do aparelho mas na importância social do acontecimento e no seu significado histórico.



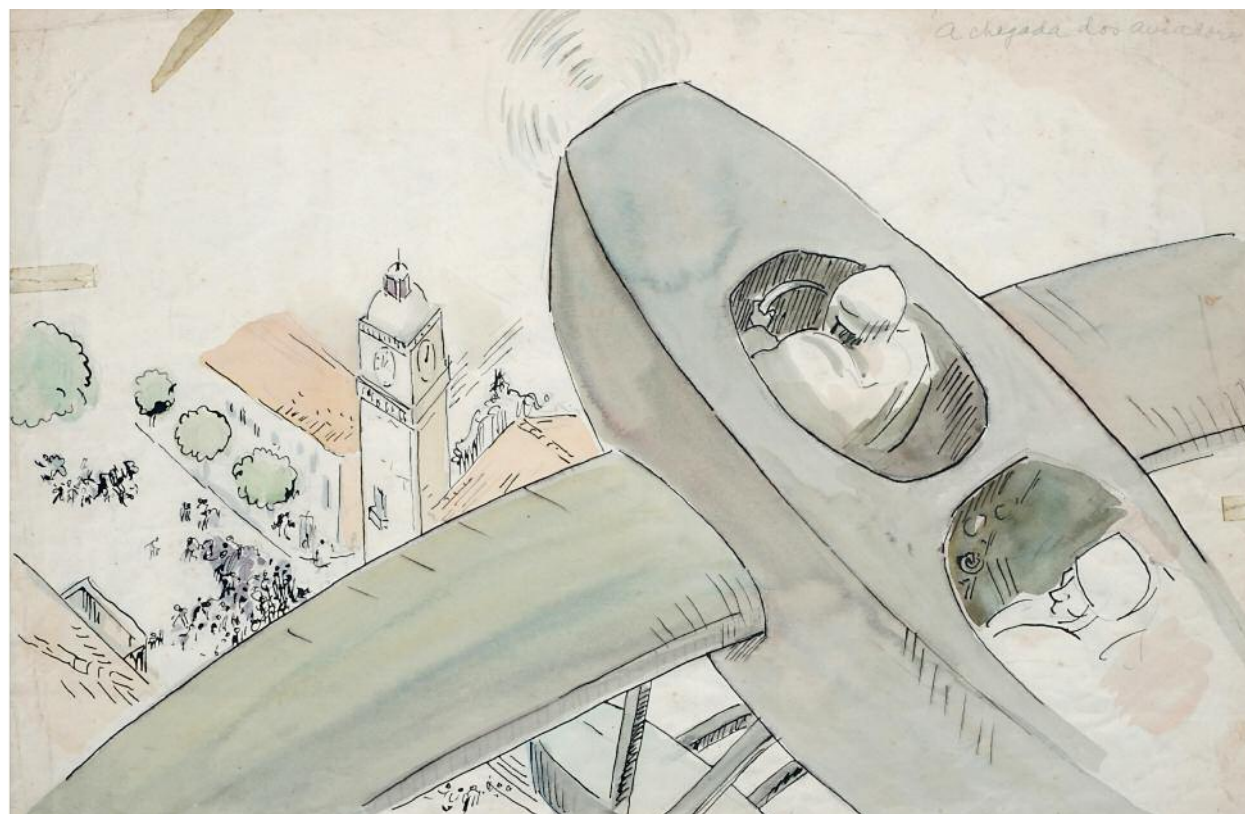


**DOMINGOS REBELO (1891-1975)**, *A Chegada dos Aviadores (O Público)*, aguarela e tinta da China sobre papel, s./d. [ca. 1926], A 32 x L 50 cm. MCM6226. A imagem documenta um grupo de populares correndo à desfilada numa única direção. Em primeiro plano vê-se uma mulher vestida com um capote esvoaçante que segura o braço de uma criança de boina, a qual segue à sua frente de dedo em riste apontando o céu; atrás deles, um casal de idosos avança também, mas mais lentamente. Entre o grupo que se avista em segundo plano, erguem-se chapéus e bengalas ao alto, havendo alguém caído por terra, vítima certamente de atropelo pela pequena multidão.

É esse o sentido geral da crónica visual assinada por Domingos Rebelo, muito embora decididamente afastada do discurso apologetico do editorial do *Açoriano Oriental* para se colocar nos termos de um realismo denunciado, em tom de sátira. Na senda da boa tradição humorística, cuja liberdade de expressão abria caminho a uma modernidade artística em Portugal, Domingos Rebelo pronunciava-se sobre a heterogeneidade da população citadina que naquele momento compunha, em uníssono, o quadro do entusiasmo patriótico, sem contudo verdadeiramente se misturar.

Grupos de populares correndo à desfilada para se aproximarem do ponto de amaregem do hidroavião; ou outros

igualmente castiços, detidos atrás de uma corrente que lhes limitava os ímpetos de progressão, elevando os braços e fitando os céus (*O Público*); figuras elegantes da elite de Ponta Delgada que displicentemente vigiam o movimento acima das suas cabeças enquanto as damas tagarelam umas com as outras (*Sociedade Elegante*); *O Corpo de Bombeiros* que se mantém em bloco, grupo sólido de figuras especadas e boquiabertas segurando parolamente uma gigantesca âncora como mascote; e personagens mais destacadas pertencentes ao restrito corpo das autoridades que seguem numa marcha lenta, em pose hirta e olhar compenetrado com o governador do Distrito, Jaime Hintze, na frente do mini cortejo (*O Governador do Distrito*), formam



**DOMINGOS REBELO (1891-1975)**, *A Chegada dos Aviadores (Avião sobrevoando a Matriz)*, aguarela e tinta da China sobre papel, s./d. [ca. 1926], A 32 x L 49 cm. MCM6227. O hidroavião monomotor *Fokker T. III* da marinha de guerra portuguesa, batizado de *Infante Sagres* e pilotado pelos Segundos-Tenentes João Moreira de Campos e José Neves Pereira, sobrevoa a cidade de Ponta Delgada à vista da torre da matriz daquela cidade. A imagem, tomada de um ponto de vista abstrato acima da cabeça dos aviadores, mostra em primeiro plano parte da aeronave deixando ver em pano de fundo a igreja e a macha da pequena multidão que se aglomera na praça para saudar a chegada dos aviadores.

a panóplia dessa crónica de costumes tão cara ao domínio da caricatura fino-oitocentista. A representação contida nesses cinco desenhos contrasta absolutamente com a imagem de modernidade do primeiro desenho (*Avião sobrevoando a Matriz*) conferida pelas linhas aerodinâmicas do monomotor *Fokker T. III* e a visão acrobática permitida por um ponto de vista que abstratamente se situa acima da cabeça dos pilotos para descrever uma perspectiva *plongée* sobre a icónica torre da matriz.

A linguagem gráfica empregue por Domingos Rebelo, sem lhe retirar o virtuosismo do traço e a leveza sintética da linha de contorno, a que se soma um colorido simplificado em mancha

uniforme, não atinge os assomos inventivos do humorismo mais vanguardista e cosmopolita praticado pela chamada geração do *Orpheu* e, em abono da verdade, não logra ultrapassar muito o naturalismo dominante.


Deve recordar-se brevemente o percurso do pintor micalense que havia participado na célebre “Exposição dos Livres” patente em Lisboa, no Salão Bobone, durante a primavera de 1911, ao lado de outros jovens pintores, estudantes em Paris, como Manuel Bentes (1885-1961), o seu conterrâneo Francisco Álvares Cabral (1887-1947), o brasileiro Roberto Colin (?-?), Eduardo Viana (1881-1967), Alberto Cardoso (1881-1942),



Francisco Smith (1881-1961) e Emmerico Nunes (1888-1968)<sup>7</sup>. O contributo que cada um destes oito artistas daria para a modernização da arte portuguesa é muito desigual, tendo sido, aliás, escassa a participação que manteriam nos vários Salões dos Humoristas realizados posteriormente, onde apenas Eduardo Viana e Emmerico Nunes tomaram parte.

Pese embora o registo naturalista e regionalista que a obra de Domingos Rebelo ganhou e manteve ao longo da sua vasta carreira, a breve experiência parisiense, vivida entre 1907 e 1913, deixou marcas na obra do pintor açoriano, tanto no plano académico como nas complicitades e amizades geradas entre o grupo dos chamados “primeiros modernistas”. O amadurecimento da linguagem pictórica e a abertura a outra mundividência artística, são aquisições indiscutíveis, que teriam sido impossíveis de alcançar no apertado seio ilhéu. A prática do desenho e da ilustração de imprensa, nem sempre, é certo, no registo cómico d’*A Chegada dos Aviadores*, tornaram-se, aliás, aspetos preponderantes durante as primeiras décadas da sua

atividade como artista, tendo chegado a executar, por intermédio de Emmerico Nunes, ilustrador da revista *ABC*, três capas para a famosa revista na década de 1920.

É neste contexto de formação artística do pintor Domingos Rebelo, mais ou menos identificado com o incipiente modernismo português e, por outro lado, progressivamente próximo do ideário regionalista, lançado na fase final da Primeira República no quadro ideológico do nacionalismo vigente, que se inscreve o conjunto dos desenhos d’*A Chegada dos Aviadores*, os quais celebram e, simultaneamente, ironizam sobre o significado heroico da travessia atlântica que pela primeira vez ligava o continente português, a Madeira e os Açores. 

<sup>7</sup> Domingos Rebelo participou nesse evento expondo as obras: *Retrato, Velha Açoriana e Paisagem*. Cf. José-Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, 3.ª edição, Lisboa, Bertrand Editora, 1991, p. 24.

---

## BIBLIOGRAFIA

---

AAVV, *A Aviação na Madeira*, Coord. Nuno Esteves da Silva, s.l., By the Book, 2010.

AAVV, *A República e a Modernidade. Revelar, Renovar, Regressar*. Catálogo da Exposição realizada no Museu Carlos Machado, 6 de novembro de 2010 a 28 de fevereiro de 2011, Ponta Delgada, Presidência do Governo dos Açores/DRC/MCM, 2010.

ALBERGARIA, Isabel Soares de, “A Arte e a República. Entre o cosmopolitismo e o comemorialismo da I República nos Açores”, in *Atas do Ciclo de Conferências Açores: 100 anos de República*, Angra do Heroísmo, DRC, 2012, pp.185-215.

FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, 3.ª edição, Lisboa, Bertrand Editora, 1991.

*Domingos Rebelo: Centenário da Escola e do Nascimento do Pintor*. Catálogo Comemorativo da Exposição, Ponta Delgada, apoio da DRaC e do Museu Carlos Machado, 1991.

SILVA, Raquel Henriques da, “Sinais de Ruptura: Livre e Humoristas”, in *História da Arte Portuguesa*, vol. 3. *Do Barroco à Contemporaneidade*, Direção de Paulo Pereira, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995.

SOUSA, Nestor, “O Pintor Domingos Rebelo em Tempos de açorianidade artística”, *Insulana*, vol. 46, 1990, pp. 243-271.

---



**A Chegada dos Aviadores**  
(O Público)  
Domingos Rebelo  
Aguarela (pormenor)  
Museu Carlos Machado

a chegada dos aviadores